

MERVAL PEREIRA



Economia - Brasil **PT e PSDB na rinha**

• Os resultados positivos da economia anunciados ontem pelo governo, como o crescimento recorde do PIB este ano e até mesmo o sucesso retrospectivo de sair de um PIB negativo no ano passado para um positivo, depois da revisão do IBGE, de certa maneira amortizaram as críticas feitas na véspera pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que classificou o governo Lula de incompetente.

O GLOBO

11 NOV 2004

O que pode não ser uma ofensa na acepção do termo, mas sem dúvida é uma crítica política das mais duras.

Mas os sucessos na política econômica são atribuídos pelos tucanos ao fato de o governo Lula seguir a orientação que vinha sendo adotada nos últimos anos, o que pode ou não ser verdade, dependendo do ponto de vista de quem comenta. A grande discussão de fundo que se desenvolve hoje, no entanto, é a relação do Estado com a sociedade civil, e os tucanos estão convencidos de que é aí que está a explicação de o PT não ter conseguido alcançar seus objetivos hegemônicos nas recentes eleições municipais. E também de ter perdido o apoio da classe média.

Além das críticas diretas ao governo petista, o ex-presidente Fernando Henrique fez uma longa análise sobre as relações do Estado com a sociedade, criticando o que chamou de "tentativa de volta ao passado". Segundo ele, a idéia equivocada de que o que falta é mais ação estatal ganha força atualmente no país. "Não dá mais para imaginar que, uma vez que o Estado retome sua capacidade de investir, e que exista uma burocracia competente e, pior ainda, um partido também competente para tomar conta dessa burocracia, o Brasil vai avançar".

Segundo Fernando Henrique, "hoje temos um desafio diferente, e o PSDB nasceu com novas idéias". Não seria apenas o fato de que o Estado não tem recursos, como teve nos anos 50, 60 e 70, para fazer os investimentos necessários. "É porque efetivamente a sociedade civil cresceu muito. E, com ela, cresceu também o mercado".

O sociólogo Eduardo Graeff, um dos principais assessores de Fernando Henrique no governo, acha que "talvez o PSDB tenha mais facilidade para sintonizar com a nova sociedade", que seria mais conectada horizontalmente do que organizada verticalmente, porque na origem o PSDB "tem uma relação mais frouxa com a velha sociedade". O que costuma ser apontado como defeito de um partido social-democrata, não ter "ligação orgânica com o movimento sindical", pode ser uma vantagem, segundo Graeff, "quando as classes, categorias, setores sociais organizados perdem relevância política e o 'homem comum', o 'cidadão', o indivíduo meio solto, mas antenado, ganha relevância".

Outro cientista político, Augusto de Franco, braço direito de Ruth Cardoso no Comunidade Solidária e que continua trabalhando com ela na ONG Comunitas, diz que a discussão não é só sobre a sociedade civil e o PT, e sim sobre "o padrão de relação entre Estado e Sociedade, e envolve os partidos políticos em geral, que ainda são organizações proto-estatais, adequadas para transitar na esfera pública-estatal, mas inadequadas para se mover na emergente esfera pública-não-estatal".

Ele acha, no entanto, que dentre os partidos brasileiros, o PT "tem lá suas particularidades (o 'DNA hegemônico', a herança da cultura autocrática da esquerda, o estatismo exacerbado, a cultura sindicalista da ocupação e controle do aparelho etc.) que agravam

a sua relação com a chamada nova sociedade civil".

Para ele, "o que mudou basicamente foi o desenho da sociedade contemporânea". Nesse novo tipo de sociedade, que o sociólogo espanhol Manuel Castells chama de sociedade-rede, "o fenômeno da emergência de um novo tipo de ordem, de baixo para cima, é o fundamental".

Segundo Franco, "num mundo cada vez mais globalizado, ao contrário do que se poderia esperar, ordens locais começam a emergir, comportamentos periféricos começam a trafegar pela rede e a se replicar, em uma dinâmica que nada tem a ver com maioria e minoria". Os comportamentos dominantes não surgiram mais "a partir de diretivas e palavras de ordem proferidas por um líder carismático, e sim a partir da composição de miríades de *inputs*, de vários micro-motivos simultâneos".

Essa fragmentação seria, segundo Franco, "insuportável para os que têm a pretensão individual de ser condutores de rebanhos". O cientista político Augusto de Franco diz que a cultura partidária tradicional impede que o PT veja as transformações sociais contemporâneas. "É uma cultura fechada, que fala para as massas, mas não ouve as pessoas, que vê e valoriza as grandes manifestações, mas não percebe a importância dos movimentos moleculares que caracterizam a mudança atual".

Por isso também o PT está mais acostumado a tratar com representações corporativas, pois "corporações são representações formadas por delegação, por alienação de poder", do que com ONGs e outros representantes da nova sociedade civil, diz Franco.

Tudo isso não passaria de pura "masturbação sociológica", na expressão imortalizada por Sérgio Motta, que dá o nome ao instituto onde houve o seminário, se Fernando Henrique não tivesse "incorporado" o espírito do "trator do PSDB" que, como ele mesmo definiu, "esmagava os adversários". A análise do sociólogo deu lugar à exortação à luta do líder político, que assumiu uma máxima que o chefe do Gabinete Civil José Dirceu, que já foi o "trator do PT", sempre defendeu: "Política é isso: você tem um adversário e luta contra ele".

No documentário de João Salles, "Entreatos", sobre a campanha presidencial de 2002, Lula, contando a fundação do PT, relembra uma outra "masturbação sociológica" que provocava grande discussão entre os intelectuais, que lhe foi levada por José Genoino: "O PT é tático ou estratégico"? Lula respondeu com um palavrão: "Sei lá, vamos é fazer o partido".

Depois de tentar quatro vezes, e de perder duas no primeiro turno para o PSDB, o PT chegou ao poder derrotando o PSDB, e quer se manter lá. Os dois partidos polarizam a política nacional há pelo menos dez anos, têm origem comum, mas a luta pelo poder e certos conceitos políticos os distanciam cada vez mais. Os adversários estão escolhidos, e a corrida para 2006 já começou. Só o tempo dirá se o PT envelheceu como representação partidária ou se, ao contrário, a mística da militância ainda faz a diferença.